

MEIRA, Marly. *Filosofia da criação*: reflexões sobre o sentido do sensível. Porto Alegre: Mediação, 2003.

A obra tem como prefácio o título "Uma Pedagogia do Acontecimento", escrito de forma íntima e poética por João-Francisco Duarte Júnior, que nos aponta a forma prazerosa pela qual será conduzida a nossa leitura.

Na apresentação, feita pela própria autora, é possível perceber que teremos pela frente algumas flexibilidades "técnicas" no que diz respeito às referências bibliográficas, devido à diversidade existente, sem as quais o texto se tornaria não tão belo aos nossos olhos, podendo interromper nosso pensamento estético com tantas informações.

Os capítulos vão se desenhando em conceitos e formas e nos dando idéias para serem construídas e reconstruídas todo o tempo. Temas vinculados a conceitos visuais nos ajudam a compreender esta experiência sensível de entender a Filosofia da Criação.

Para se pensar o sensível na criação, podemos utilizar-nos da arte, da filosofia, das ciências sociais e humanas, mas também podemos começar a fazer perguntas ao próprio corpo a respeito do aqui e agora, daquilo que é produzido esteticamente. A forma como olhamos, tocamos, interagimos – às vezes, encantados, por outras, indignados – vai nos construindo com modos singulares de olhar e realizar a experiência estética.

Se a arte passa também pelo corpo, este corpo há de reagir a ela, lendo criticamente o cotidiano contemporâneo, técnico, com a supremacia dos números e dos lucros, fazendo arte com o que se tem ao alcance, com a ousadia e o tempero das emoções, pensando sobre a realidade. Isto é Pedagogia do Acontecimento.

Esta pedagogia exige uma arte de pensar e uma nova maneira de incluir afetos na percepção, assim como tornar esta experiência estética como uma maneira prática de transformação. Assim, como diz Meira, o ato criador de olhar torna-se um tipo de construtividade para qualificar as interações humanas.

Sendo a visibilidade uma concepção que alia o real ao visível, não se pode concebê-la como mero canal fisiológico de percepção, mas como canal de ir e vir dos desejos do corpo para a mente, em relação ao mundo interativo, com a comunicação social.

A teoria estética como espaço de reflexão pode dar conta de mediar teoria e prática, o inteligível e o sensível, sendo que o olhar estético vai além do que a lógica consegue nos mostrar, transmite uma energia do afeto e a transformando em nossa corporeidade, em pensamento.

Pois fazer educação estética não é repetir modelos, mas olhar nesses modelos o que faz sentido, pôr em crise os significados, resignificando na perspectiva de quem vê o sujeito no seu tempo-espaço, realizando suas construções cognitivas, influenciado tanto pela multiculturalidade como pela interculturalidade, para usar as palavras de Meira.

Como vislumbrar a cultura visual em plena era virtual, que opera e interfere, transformando significados? Seria esse virtual uma tecnologia audiovisual, podendo ter a função de uma outra variável que intervém e nos causa estranheza a nossa primeira olhada.

A imagística contemporânea é resultado de produções científicas, artísticas e técnicas que expressam um real projetado em diversos suportes. Nosso imaginário, neste contexto, precisa encontrar um caminho próprio para se adaptar e fazer a conexão com

os seus próprios desejos e fantasias, criando, assim, um espetáculo visual, a partir de sua maneira de olhar.

Segundo Meira, as culturas cristãs desenvolveram uma mitopoética em que o domínio do imaginário nos desenha perspectivas de futuro; assim, temos um desejo e trabalhamos até que o desejado exista e possa servir à demanda de transformação social. Sendo assim, na poética, como dimensão criadora, a obra e o evento não podem ser considerados como meros objetos, mas quase-sujeitos por toda a subjetividade que os entrelaça. Na poética há uma liberação do criador de todas as convenções e códigos, permitindo que apareçam as emoções que interagem com o autor, com a obra e com quem realiza a experiência estética de contemplá-la.

Quando falamos de arte estamos nos referindo necessariamente à experiência que realizamos. A imagem do cotidiano nos fascina pelo mistério sobre o que ela propõe, ou sobre para onde poderá nos levar. Dependendo das nossas lembranças, das nossas fantasias, a obra também nos olha e nos encanta, levando-nos a lugares do nosso imaginário, por vezes, bem escondidos. Ficamos tocados pelas emoções e nos entregamos de corpo e alma nessa experiência estética. Diferente da interação com o virtual que pode nos levar também a algum lugar, mas de forma mais impessoal pode não causar a troca de olhares, necessária para se desenhar um lugar de desejos, de texturas, de toques, de prazer.

A estética produz e induz ao pensar. Como educar nesta perspectiva? Pouco se ensina sobre o olhar, sobre o sentido do sensível, sobre o que a imagem pode nos dar, sobre possíveis mundos com os quais sonhamos.

148

Podemos construir a partir deste olhar que pode redesenhar novos cenários que contemplam mais as questões relacionais, afetivas e sociais. A estética na escola poderia ensinar a pensar a realidade sob um novo olhar, sensível e crítico, construtor e reconstrutor de realidades, por vezes caóticas, que historicamente construímos. Uma realidade racional, explicável, até certo ponto. Mas eis que não nos completa mais este tipo de pensamentos. Precisamos nos educar para a pedagogia que privilegia a intuição, o sensível e a experiência estética, em que os saberes do corpo possam contornar os desejos.

A aprendizagem visual passa pelo olhar, passeia por nosso corpo e se forma, novamente, em outro corpo, nascido das nossas mãos. O pensamento dança pelo traço e vai se fazendo arte numa integração olho-cérebro-mão. O conhecimento sensível gera-se nesta interação entre sujeito e objeto, entre a cultura, a sociedade e a linguagem que desenvolvem e provocam um sentido. Porém a obra, assim como o conhecimento, fica incompleta, enquanto um outro olhar não puder perceber o que as imagens e as palavras estão dizendo.

---

### **Marlei Teresinha Santos de Moraes**

Mestranda em Educação na Universidade de Passo Fundo (UPF). Psicopedagoga clínica. Orientadora educacional do Centro de Ensino Médio Integrado da UPF.  
marleim@upf.br